

DRAGONWYCK / 1946

(O Castelo de Dragonwyck)

Um filme de JOSEPH L. MANKIEWICZ

Realização: Joseph L. Mankiewicz / **Argumento:** Joseph L. Mankiewicz, baseado no romance homónimo de Anya Seton / **Fotografia:** Arthur Miller / **Direcção Artística:** Lyle B. Wheeler e J. Russell Spencer / **Décors:** Thomas Little e Paul S. Fox / **Guarda-Roupa:** René Hubert / **Música:** Alfred Newman / **Montagem:** Dorothy Spencer / **Interpretação:** Gene Tierney (Miranda Wells), Vincent Price (Nicholas Van Ryn), , Walter Huston (Ephram Wells), Glenn Langan (Dr. Jeff Turner), Anne Revere (Abigail Wells), Vivienne Osborne (Johanne Van Ryn), Spring Byington (Magda, a velha governanta), Jessica Tandy (Peggy, a criada coxa), Connie Marshall (Katryna Van Ryn, a filha de Nicholas), Henry Morgan (Bleecker), Reinhold Schünzel (Conde de Grenier), etc.

Produção: Ernst Lubitsch (não creditado) para Darryl F. Zanuck (20th Century Fox) / **Distribuição:** 20th Century Fox / **Cópia:** DCP, preto e branco, legendada eletronicamente em português, 102 minutos / **Estreia Mundial:** 10 de Abril de 1946 / **Estreia em Portugal:** Cinema Tivoli, a 20 de Janeiro de 1947.

O romance “Dragonwyck” de Anya Seton foi publicado em 1941 (inspirado, dizia a autora, num artigo que apareceu no “New York Herald” em 1849). Já era evidente que o livro, num fenómeno que começava a ser corrente nessa década, devia mais ao cinema do que à literatura e se inspirava provavelmente mais no **Monte dos Vendavais** de Wyler (1939) ou na **Rebecca** de Hitchcock (1940), do que nos romances homónimos de Emily Brontë ou Daphne du Maurier. E também era evidente que a autora pensava, desde o início, numa adaptação ao cinema.

A 3 de Novembro de 1943, o livro foi apreciado pelo departamento de argumentos da Fox, a pedido de Zanuck. O relatório dizia, entre outras coisas, que uma “*careful consideration*” (...) “*will reveal less to this than meets the eye*”; que era implausível que o jovem médico fosse ou pudesse ser “*so glamorous or exciting*” como o seu pérfido rival (aduzia-se esta saborosíssimo comentário: “*I can imagine no woman preferring the hero to the villain for either bed or breakfast*”) e que o filme seria certamente afectado pela comparação com **Rebecca** ou **Suspicion** de Hitchcock. Assinava esse relatório Joseph L. Mankiewicz que nesse mesmo ano fora convidado para dirigir o *script department* da Fox, após ter abandonado a Metro onde trabalhara desde 1934 como argumentista e produtor.

Mas apesar do parecer de Mankiewicz, Zanuck insistiu no filme, exactamente porque via nele uma espécie de **Rebecca** da Fox. E, se o compararmos com tantas e tão diferentes obras coevas (**Rebecca** e **Suspicion** de Hitchcock, **Laura** de Preminger, **The Woman in the Window** de Fritz Lang, **Experiment Perilous** de Jacques Tourneur, **Gaslight** de Cukor, **The Picture of Dorian Gray** de Lewin, **The Ghost and Mrs Muir**, **The Late George Apley** ou **Somewhere in the Night** de Mankiewicz, **Phantom Lady** de Siodmak, **Bluebeard** de Ulmer, **Summer Storm** de Sirk e tantos, tantos mais) nele surgem as figuras obsessivas dos *gothic films*: o castelo maldito ou a casa assombrada (Dragonwyck), o tema do Barba-Azul (Vincent Price e o seu quarto secreto), o da “gata borralheira” (Gene Tierney, que não era Van e era da província), a morte perseguindo os vivos (a antepassada), o retrato que preside a todos os rituais, a atracção pelo mal e pelo desconhecido, o marido diabólico catalizador de fantasmas eróticos, o amigo bom ou o anjo salvador, entre tantíssimas outras, mais ou menos sublinhadas. Como Gene Tierney diz no início “*dreams about people I never knew, places I never’ve been*”.

Zanuck confiou o filme (ainda em 1944) a Lubitsch e encarregou Mankiewicz de escrever o argumento. Seria extremamente curioso saber como Lubitsch teria entrado em tal mundo, mas (ao contrário do que se chegou a dizer e a escrever) Lubitsch parece não ter tido interferência directa em **Dragonwyck**. Nesse mesmo ano de 1944, teve um ataque cardíaco (durante as filmagens de **A Royal Scandal**, depois confiadas a Preminger) e não estava em condições de trabalhar. Mas foi ele quem, sabendo do velho desejo de Mankiewicz de realizar um filme, sugeriu a Zanuck que este o substituísse, ainda que sob a sua supervisão. **Dragonwyck** foi, assim o primeiro filme assinado por Mankiewicz que sempre jurou formalmente (e os vários testemunhos coincidem) que Lubitsch não tinha dirigido qualquer sequência ou qualquer plano da obra. “*Pelo contrário, desaprovava tudo quanto eu fazia*” acrescenta numa entrevista aos “Cahiers”. E, parece ser verdade, tão verdade que Lubitsch, formalmente produtor, se recusou a ter o nome no genérico, que não

credita ninguém nessas específicas funções. E as coisas chegaram ao ponto, ao que conta o *art director* Lyle Wheeler, de Mankiewicz ter exigido de Zanuck que proibisse Lubitsch de pôr os pés no *plateau* e dos dois cineastas terem cortado relações.

Pode considerar-se, hoje, **Dragonwyck** um filme de Mankiewicz? O realizador sempre disse que não gostava da história, que a dirigiu contrafeito, que não se reconhece nela e que, ainda muito ignorante da técnica, escolheu os ângulos de filmagens, ouvindo a opinião do director de fotografia (o lendário Arthur Miller, que aqui assina um dos seus trabalhos mais excepcionais). Mas quando ouvimos o concerto de vozes dos diálogos entre Gene Tierney e Vincent Price (este último, no seu primeiro papel de protagonista e por directa escolha de Mankiewicz), quando vemos alguns toques de perversidade (já lá vou) e quando verificamos o relevo dado à demanda de Gene Tierney (culminando na sua entrada no quarto proibido, para descobrir o segredo do marido) ou à obsessão pela paternidade de Price, não podemos deixar de o aproximar de muitos filmes futuros do autor de **Eva** e de **The Barefoot Contessa**. E não citei estes dois filmes por acaso: como em **Eva**, o personagem feminino (Gene Tierney) desdobra-se quer na antepassada do retrato (tão inquietamente semelhante a ela, de quem seria também longínqua avó, pelo menos na explicação inicial de Anne Revere) quer na primeira mulher (como ela, demasiado curiosa e demasiado fascinada pelos oliandros) quer na filha de Nicholas (a atracção pelo mal) quer finalmente, no insólito personagem de Peggy, a criada, que parece suscitar a deformação que, depois, lhe atinge o próprio filho. E, como em **The Barefoot Contessa** perpassa a insinuação da impotência de Price, pelo menos quando as mulheres não lhe conseguem dar o filho que acima de tudo deseja.

Sabe-se que o final foi imposto por Zanuck, contra a vontade de Mankiewicz que queria acabar o filme com a morte de Price e a frase final deste: *"That's right. Take off your hats in the presence of the patrol"*. Mas, apesar disso, o *happy end* é demasiado visível. Vestida de negro, usando o nome de Mrs Van Ryn, é ambíguo o olhar que lança ao médico quando lhe promete novo encontro (até porque já o prometera antes e não o cumprira). Tudo indica, na *mise-en-scène* e no enquadramento, que Gene Tierney ficará para sempre ligada a Dragonwyck, ao perfume dos oliandros e das flores do mal. O plano final articula-se, muito coerentemente, com esse plano inicial em que fala dos seus sonhos e pesadelos, e com a sequência assombrosa (uma das melhores do filme) do hotel de Nova Iorque, que antecede a entrada de Price.

Perante o jantar que o ainda invisível Nicholas mandou preparar para ela e para o pai, Gene Tierney não resiste à tentação de provar coisas que nunca comera. E responde ao pai que lhe diz que são coisas que fazem mal: *"A bit evil - but so good"*. E é este quem tem que a advertir: *"even a little bit of evil cannot be good"*. Depois, abrem a Bíblia e é quando ela reza: *"I will not know a wicked person"* que Vincent Price surge na soleira da porta, para a levar para o *wicked castle*, Dragonwyck.

É uma sequência assombrosa que revela Gene Tierney (por oposição ao mundo puritano dos pais) e se desenvolve magistralmente na chegada de barco a Dragonwyck e na "rebéquica" entrada no castelo, a que não falta uma inquietante governanta. E a associação comida-sexo-mal prossegue com a introdução da primeira Mrs Van Ryn e da sua gula, óbvia compensação para a ausência de outros pecados, chocantemente exposta ao olhar atónito de Gene Tierney. O mistério adensa-se em torno da criança e do retrato de Asilde, essa outra *frightened child*, que naquele mesmo quarto se teria suicidado. Gene Tierney já está enfeitada e as palavras da governanta (*"One day you'll wish with all your heart you never came to Dragonwyck"*) provocam mais a atracção do que o medo (a ela, como a nós). Facilmente se perceberá depois que o médico não é rival à altura de Price e tudo se desenvolve entre uma valsa (a magnífica sequência do baile) e a tempestade ultra-romântica. As flores do mal foram plantadas e no encontro do quarto (após a morte da mulher) se percebe porque é que Price a chamou a ela e ninguém mais e só ela veio e ninguém mais.

O regresso a casa dos pais (o silêncio) é um intervalo, cortado pelo regresso com Mrs Van Ryn a Dragonwyck e à luta abissal com Price (o filho morto, a droga, o quarto secreto, o desaparecimento da filha).

Se o filme sofre algumas quebras (sobretudo quando intervêm os episódios sociológicos, ou os camponeses de Dragonwyck), se se percebe que Mankiewicz o não considere uma obra sua (no sentido em que também Hitchcock dizia que **Rebecca** não era um *"Hitchcock film"*), tudo o que se passa no Castelo, entre essa mulher espantosa chamada Gene Tierney e o admirável Vincent Price é antológico, oferecendo-nos com mestria suprema (que numa *mise-en-scène* requintada ultrapassa o valor da iluminação de Miller) uma das maiores entre as grandes peregrinações ao oculto dos *forties*.

E bastava a sequência da subida de Gene Tierney ao quarto proibido (as escadas, a vela, a sombra, os grandes planos dela) para que nunca mais se pudesse esquecer **Dragonwyck**. Parafraseando Vincent Price, **Dragonwyck** só pode parecer um filme pobre a quem for pobre por dentro. Quem o não for, lembrar-se-á pela vida fora de Gene Tierney, dos *patroons* e do mortal perfume dos oliandros.

JOÃO BÉNARD DA COSTA